

A INTERFERÊNCIA DAS PRAÇAS URBANAS NA QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO

BONETTI, Daniele.¹
MALIZAN, Julia Caroliny.²
WINSKI, Marcia.³
CAMARGO, Patrícia.⁴
SIMONI, Tainã Lopes.⁵

RESUMO

Este trabalho visa mostrar a importância das praças em seu contexto geral, por meio de uma abordagem teórica, a qual propicia o desenvolvimento do projeto de intervenção na praça localizada no Município de Espigão Alto do Iguaçu- PR. O espaço no qual será desenvolvida a proposta encontra-se com características visuais de falta de manutenção e conservação do seu espaço físico muito pouco utilizado e a falta de condições que a mesma oferece aos seus usuários, principalmente no quesito de iluminação e segurança. A proposta projetual visa oferecer um espaço para lazer, práticas esportivas, eventos comunitários, manifestações culturais, entre outros benefícios ao usuário. O artigo pretende abordar como as praças urbanas interferem na qualidade de vida da população em relação com o eixo, como exemplo a praça do município de Espigão Alto do Iguaçu-PR que está passando por transformações e proporciona uma referência do assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Praças, Urbanas, Eixo, Qualidade, População, Município.

1. INTRODUÇÃO

As praças urbanas vêm ganhando cada vez mais importância suas características são, um espaço amplo e público que proporciona lazer, comodidade e convivência para seus usuários. São espaços livres, sem edificações.

Ela é um espaço restrito dentro da cidade e na percepção dos usuários um espaço amplo, é o ambiente que as deixa fugir um pouco da rotina do dia-dia das cidades de concreto. O lazer é uma forma de descanso essencial para o bem estar pessoal, e para a diminuição do estresse.

Assim, considera-se que este trabalho se justifica, uma vez que visa entender a conexão das praças urbanas com o espaço amplo x restrito.

¹Acadêmico (a) do 8º período da graduação em Arquitetura e Urbanismo do centro universitário FAG. E-mail: designdaniele@hotmail.com

²Acadêmico (a) do 8º período da graduação em Arquitetura e Urbanismo do centro universitário FAG. E-mail: julia_caroliny16@hotmail.com

³Acadêmico (a) do 8º período da graduação em Arquitetura e Urbanismo do centro universitário FAG. E-mail: marcia.winski@hotmail.com

⁴Acadêmico (a) do 8º período da graduação em Arquitetura e Urbanismo do centro universitário FAG. E-mail: patycamargo_14@hotmail.com

⁵Professor Orientador da presente pesquisa. E-mail: tai_lopes@hotmail.com

Estabeleceu-se então como problema de pesquisa, como as praças urbanas interferem na qualidade de vida da população?

Visando responder ao problema proposto considerou-se como objetivo geral analisar, como as praças urbanas interfere na qualidade de vida da população, em relação com o espaço amplo x restrito, com base no estudo de caso da Praça Leopoldo Czechoski. De modo específico, este artigo buscou: Apresentar o eixo espaço amplo x restrito; relatar praças urbanas; prever a importância das praças para a população, analisar a Praça do Município de Espigão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 EIXO ESPAÇO AMPLO X RESTRITO

Espaço Restrito (especialmente em relação ao Espaço Interior, mas também em relação ao Exterior) como o espaço da intimidade, da proteção (do bem-estar) e, inversamente, a do Espaço Amplo com a do espaço comum não protetor e, mesmo, hostil (NETTO, 1979).

A imaginação constrói muros – com as ilusões, os sonhos, as sombras. Isto é: a imaginação protege o indivíduo, seu foro interno ou sua última ligação consigo mesmo por outro lado, nenhum muro verdadeiro, nenhuma sólida muralha, por mais grossa e dura que seja, impede a imaginação de tremer de medo, de suspeitar, de sentir-se ao aberto, exposta, insegura. (NETTO, 1979).

Sonha-se com imensidão, mas pratica-se o restrito. E nem sempre por impossibilidades econômicas ou materiais. É o homem, e especialmente o homem ocidental, que receia a imensidão e se refugia no pequeno: a grandeza parece destinada a ser apenas contemplada e não vivida. (NETTO, 1979).

A amplidão exibe o poder de seu possuidor. E atemoriza. É o mesmo terror que o homem sente diante do Vazio – do Universo, do Infinito. Na verdade, a imensidão é tão misteriosa quanto o restrito (o íntimo, o fechado), tão habitada por fantasmas quanto o espaço reduzido. (NETTO, 1979).

A fim de atribuir um significado para o homem em relação a oposição do Amplo X Restrito, o autor Coelho Netto (1992 p.63) indaga de que é a imaginação que constrói muros, isto é, a imaginação que protege o homem, o indivíduo é por outro lado, onde nenhum muro é

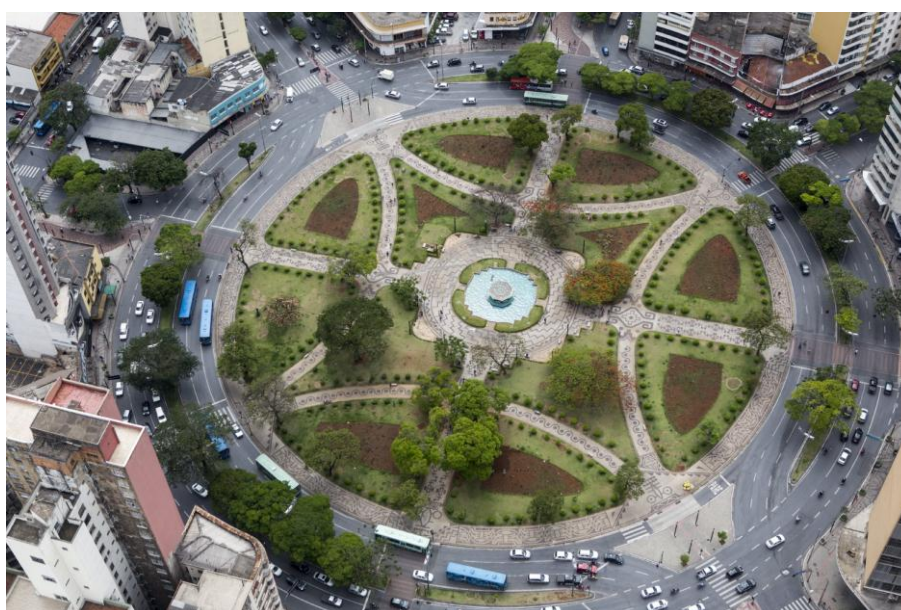
verdadeiramente solido e capaz de impedir a imaginação de ter medo, de se sentir inseguro, exposto.

2.2. PRAÇAS URBANAS

De acordo com Robba e Macedo (2003), os jardins foram inseridos no final do século XIX e início do século XX. A praça do século XIX tornou-se um ícone social do espaço urbano, representada por meio de figuras e elementos significativos como canteiros, fontes, quiosques, caminhos e coretos, permitindo não só o passeio como a contemplação da Natureza. Segundo Robba e Macedo (2003), no início do século XX, o lazer contemplativo, o passeio, e a convivência permaneceram como forma de utilização intrínseca a este espaço, e no decorrer dos anos foi sendo adaptado à nova dinâmica da cidade, incorporando outras atividades como o lazer cultural, o lazer esportivo, e a recreação infantil.

Sendo assim, em função de sua trajetória histórica as praças podem ser conceituadas, atualmente, como: “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer, ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos” (ROBBA e MACEDO, 2003, p. 17).

Figura 1. Vista da Praça Raul Soares



Fonte: O tempo.com, 2008.

E possui valores ambientais, funcionais, estéticos e simbólicos:

-Valores ambientais: contribui para diminuir a impermeabilização do solo e equilibrar a temperatura, reduzindo as ilhas de calor e a incidência solar (XIAO e MCPHERSON, 2003; MCPHERSON e SIMPSON, 2000; SIMPSON e MACPHERSON, 1996; WOLF, 1998).

-Valores funcionais e sociais: constituem-se numa das mais importantes opções de lazer urbano, pois propiciam o convívio entre as pessoas, recreação, divertimento e entretenimento, livre participação social, e uma integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais, incrementando a cultura popular (MACHADO, 1993).

-Valores estéticos e simbólicos: as praças são espaços simbolicamente importantes, pois se tornam objetos referenciais e cênicos na paisagem da cidade, exercendo importante papel na identidade do bairro ou da rua. São ainda objeto de embelezamento urbano, resgatando a imagem da natureza na cidade e podem ser associados a oásis em meio à urbanização maciça (ROBBA e MACEDO, 2003).

Por isso caracteriza-se como um lugar onde as articulações entre público e privado se apresentam de forma peculiar e como outros espaços abertos dentro do contexto urbano possuem várias funções simbólicas importantes, congregando indícios para a percepção e discernimento das relações espaciais da cidade, dando um caráter à mesma pela sua singularidade (GOMES, 1997).

Robba e Macedo (2010) afirmam que no Brasil, o conceito de praça é associado às ideias de ajardinamento urbano. Portanto, largos e adros formados a partir dos pátios de igrejas e mercados públicos não devem ser denominados praças, assim como rotatórias e canteiros centrais de avenidas, originados por espaços remanescentes do traçado viário, também não devem receber o título de praças, por serem espaços restritos ou de difícil acesso aos pedestres. Em geral, este tipo de espaço está destinado à ideia de haver prioridade ao pedestre e não acessibilidade de veículos.

Segundo Cavaleiro (1999), o termo praça tem várias definições, por parte do poder público e também por parte dos pesquisadores e técnicos que estudam esses espaços. Por tanto considera-se praça como um espaço público que se enquadra na zona urbana como um Sistema de Espaços Livres de Construção, ou seja, os espaços urbanos ao ar livre destinados a qualquer tipo de utilização relacionada a caminhadas, descanso, passeios, práticas esportivas e recreacionais e entretenimento em horas de ócio, a qual podem desempenhar funções estéticas, de lazer e ecológica-ambiental, dentre outras.

Para Barros e Virgílio (2003), os espaços livres, como a praça é um espaço que exerce influência na melhoria da qualidade de vida da população e do meio ambiente urbano, a medida em que reduz os efeitos causados pelo homem no processo de urbanização.

As praças são espaços livres, nos dias de hoje são vistas pela maioria das pessoas como espaços abandonados, de mendicância, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, e para pequena parte da sociedade são alternativas de lazer, meditação, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda sociedade (VIRGÍLIO, 2003).

Para Santos (1997), as praças são uma forma de paisagem, sendo está bem ou não vista a sociedade. A paisagem com o passar do tempo foi transformada pela natureza humana, ou mesmo esquecida por ela. Assim, “Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas que a vida anima”.

Ainda de acordo com Santos (1997), ao referido Geógrafo, “a palavra paisagem é frequentemente utilizada em vez da expressão configuração territorial. Esta é um conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área”.

Sendo assim, Santos (1997), conclui-se, que as praças estão inseridas neste contexto, em que a paisagem deve ser valorizada e os espaços bem estruturados e planejados, nesse caso, as praças acabarão se tornando basicamente uma mercadoria, e aponta o geógrafo Santos que: “o espaço uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem.”

2.3. A IMPORTANCIA DAS PRAÇAS PARA A POPULAÇÃO

Se para alguns autores, as praças exprimem locais de bate papo, reencontro, para outros podem significar trocas de experiências, lazer, meditação, ou ainda: “lugar fundamental da vida social, espaço de encontro, de trocas de palavras e mercadorias” (DE ANGELIS et al, 2005, p.2). Segundo Caseti e Lietti (apud DE ANGELIS, 1995, p.2), é considerada, desde sempre, “como o âmbito da visibilidade, onde aparecer significa existir na qualidade de ator social”.

A cultura local é expressa da mais abrangente forma. Nessas perspectivas, os objetos construídos, constituem a representação e testemunho de uma época. Conforme Santos, “o conjunto

de elementos que compõem a paisagem urbana tende a assumir a função de testemunhos de valores, fatos e recordações, representações vivas da condição humana; a cidade e a arquitetura representam a história [...]” (SANTOS, 1982, p. 9).

Figura 2. Vista da Praça Mauá



Fonte: Turismo e aventuras urbanas sobre rodas, 2010.

Para Lira e Filho (2001) o paisagismo se findou com o homem nômade em um lugar determinado e desde então utilizou tal técnica para atender as necessidades estéticas e funcionais. Na história, as paisagens já existiam e haviam sido encontradas há um longo tempo. Com os acontecimentos do momento e ainda com a vida itinerante e sedentária, o homem intervém no ambiente transformando a paisagem natural em cultura.

Ainda segundo Lira Filho, os primeiros jardins foram nos passeios públicos e no século XIX passou a fazer parte nas paisagens brasileiras e arborização urbana. Com isso, segundo De Angelis (1997), no momento de organizar espaços ajardinados chamados de praças, tinham como ideia vivenciar a infância e a adolescência, onde lembravam os balanços, das quadras e dos tempos de lazer.

As praças são espaços arborizados e livres, mas hoje estão sendo vistas de uma maneira ruim, se veem espaços abandonados, como pontos de drogas, marginalização, pontos de prostituição se tornando inseguranças, e para uma pequena parcela da população a alternativa de lazer.

Na análise das cidades, as formas de percepção ambiental dos autores Del Rio (1990) e Lynch (1997), onde mostram que visão de nossa cidade, interfere no modo de pensar em arquitetura, e como uma construção ou obra podem influenciar no espaço urbano e nas sensações geradas aos usuários. De acordo com o Arquiteto e Urbanista Jayme Lerner (2003) pode-se observar as diferentes estratégias, que podem transformar o ambiente urbano.

O desenho urbano é usado como estratégia, para um planejamento, praticado através de alternativas e intervenções que estão conectadas através de forma e função do espaço da cidade, sendo ele urbano ou público, servindo para compreender problemas de crescimento e desenvolvimento da cidade. (DEL RIO, 1990) focando na qualidade do espaço, atingida através da qualidade física ambiental.

Segundo Rossi (2001) a cidade é entendida como arquitetura, não apenas a imagem visível da cidade, e sim ao conjunto das arquiteturas antes da arquitetura como construção civil, remete também a vida de coletividade sendo a criação do ambiente que se vive. A entende em sentido positivo, criação inseparável da vida civil e da sociedade em que se manifesta, é por natureza uma arquitetura coletiva, construindo ambientes favoráveis à vida e suas necessidades tendo intencionalidade e estética. Sendo construída juntamente com os primeiros esboços das cidades, inseparável da formação da civilização e é um fato permanente, universal e necessário. As criações de ambientes propícios à população e vida estão ligadas a intencionalidade e estética, características estáveis da arquitetura, que são aspectos que positivamente evidenciam e iluminam a cidade como criação humana. Mas pela forma concreta e sendo intimamente ligada a natureza, a arquitetura é diferente e de modo original, distinta de outras artes e ciências.

Com a criação das cidades, e a necessidade de lazer e contato com a natureza, foram criados os espaços urbanos, que seriam praças arborizadas com atividades para toda a população. O espaço público na cidade assume inúmeras formas e tamanhos, sendo desde uma calçada até a paisagem de jardins vistas da janela. Abrange lugares designados ou projetados para uso cotidiano, que são conhecidas como ruas, praças e parques. Esses espaços, como o nome já diz, são espaços públicos abertos e acessíveis, sem exceções. Atualmente os espaços constituem uma opção em uma vasta

rede de lugares e possibilidades, tornando difícil prever com exatidão seu uso urbano (ALEX, SUN 2008, p.35).

Para Gomes (2009), o espaço público além de ideia de liberdade e igualdade, tem como base a separação do privado ou mesmo a garantia de acesso livre é insuficiente para definir o caráter fundamentalmente político de seu significado. É antes de tudo, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço onde não haja obstáculos e à possibilidade de acesso e participação de qualquer pessoa, seguindo regras de convívio e debate. Segundo Sun (2008), a praça não é só um espaço físico aberto, é também um centro social integrado ao tecido urbano, e sua participação e uso são importantes para a cidade, bem como seu valor histórico. Ela contém elementos que atraem grupos de pessoas e facilitam encontros e pratica de esportes, sendo uma forma de lazer integrada aos usuários. É a mais bela expressão da vida social, que jamais será alcançada pelo planejamento urbano e pelo homem. A simplicidade dos espaços é um convite para liberdade social e moral de todas as pessoas que a utilizam.

O acesso é fundamental, e Stephen Carr (1995) classifica esses acessos públicos em três tipos: físico, visual e simbólico ou social. Sendo o físico a ausência de barreiras para entrada e saída como plantas, água, construções. O Visual definindo a qualidade de primeira impressão e vista do usuário com o local, tendo boas impressões e boas sensações. Uma praça no nível da rua, com as calçadas visíveis, informa muito sobre o local e, portanto, propicia ao uso. E o simbólico ou social, se refere à presença de sinais, sutis ou ofensivos, que sugere quem é e não é bem-vindo ao lugar, criando intimidações ao público.

O Parque urbano do século XIX tem a necessidade de acrescentar a cidade espaços para atender uma nova demanda social, espaços que sejam adequados à nova forma de pensar e de lazer de todos os usuários. O tempo ócio para contrapor-se ao ambiente urbano, com a temática da requalificação dos espaços urbanos, principalmente as áreas de grande fluxo, centrais das cidades, que tem maior demanda crescente de espaços de recreação e lazer, introduzidos das dimensões ambientais e paisagísticas no planejamento (MACEDO, 2003, p.106).

Ainda segundo Macedo (2003) requalificaram os parques e denominações, novos adjetivos. Parques temáticos, parques ecológicos fazem parte da nova estrutura. Novos planos de necessidades e funções foram introduzidos, como as áreas esportivas, as de conservação natural, e as áreas de lazer com brinquedos eletrônicos, mecânicos e espaços cenográficos dos parques temáticos.

Segundo Robba (2010) de simples terreiro a sofisticado jardim, de campo de jogos incultos a centro esportivo complexo, a praça é por excelência um centro, ponto de convergência da população. Criada para comerciar, trocar ideias, encontros românticos ou políticos, servindo de desempenho urbano a vida ao ar livre. Torna-se um ícone social do espaço, e passa ser vista e representada socialmente por meio de suas figuras e elementos significativos, como canteiros ajardinados, fontes e quiosques. Robba (2010) ainda afirma que a praça brasileira, em forma de figura urbana é praticamente desconhecida em sua essência, tantos pelos que a utilizam como pelos criadores, sejam arquitetos, engenheiros, curiosos e técnicos diversos. As duas figuras se destacam no meio imaginário popular: o jardim e a praça de esportes, ambas limitadas e pouco abrangentes.

A praça, em sua origem, pode ser caracterizada como espaço de encontro e convívio urbano por natureza. Que são espaços abertos no meio do tecido urbano, e são pontos centrais de manifestações da vida pública, direcionando naturalmente os diversos fluxos em busca do lazer e diversos usos (SUN, 2008).

Figura 2 Vista da Praça Dogello Goss



Fonte: Panoramio, 2009

Para Alex Sun (2008) as praças, ruas, jardins e parques fazem de sua constituição o conjunto dos espaços abertos na cidade, que deveriam ser sempre verdes, não respondem ao ideal de vida urbana, e não podendo ser tratado como uma questão de diferença de escala. A localização da praça

na cidade como seus acessos e permeabilidade, a atmosfera do seu interior e a impressão que irradia que convidam a adentrá-la e a participação e amplificação das condições de espaço público.

O parque urbano e também o jardim, deu lugar ao parque público, com o sistema sendo corredores de vegetação, intervindo na cidade e observando a vegetação. É um espaço aberto, com vários hectares, cruzado por vias de circulação que permite os acessos aos diferentes setores do parque (MASCARÓ, 2008).

Tematizar arte urbana é o mesmo que pensar sobre a vida social das pessoas, é pensar sobre cultura urbana. As situações urbanas, qualificadas pelo conjunto de relações históricas, políticas, econômicas, culturais sociais e estéticas, onde os sentidos preparassem sua materialidade e os processos (PALLAMIN, 2008).

2.4. BREVE RESGATE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE ESPIGÃO ALTO DO IGUAÇU/PR

Com a revolução em 1894, comandada pelo “Juca Tigre” assim conhecido em nossa região, derivou várias situações de determinadas regiões que ainda se encontravam vivas não só na lembrança, mas também na atualidade como: Rio União onde às duas tropas se uniu; Rio despedida onde as tropas se despediram; Rio dos Tigres onde as tropas se encontraram e mataram tigres. Prosseguindo a marcha, avistaram uma bela vista, lugares altos onde denominaram de Boa Vista; dando continuidade a marchas avistaram um local onde a visão alcançava uma vasta região denominando a mesma de Espigão Alto, que com a emancipação política passou a denominar-se Espigão Alto do Iguaçu. (BALVERDU, 2015).

Fazendo limite com os municípios de Guaraniaçu, Nova Laranjeiras, Rio Bonito do Iguaçu, e Quedas do Iguaçu. Os mais antigos e originais habitantes conheciam tudo o que a mata tinha a oferecer e viviam na mais perfeita harmonia com a natureza durante milhares de anos. Habitado por indígenas que pertenciam em sua maioria à tradição Guarani. (BALVERDU, 2015).

Colonizados por imigrantes vindos dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina no período que compreende 1940 a 1950, teve crescimento devido aos Ciclos da Madeira e Suinocultura. Emancipado em 1994, teve seu desenvolvimento baseado na agricultura e agropecuária, setores estes que ainda, nos dias de hoje, movimentam a economia local. Criado pela

lei estadual n.º 10737 de 18.04.94, e instalado em 01/01/1997. Desmembrando-se de Quedas do Iguaçu e um dos mais novos Municípios do estado do Paraná. (BALVERDU, 2015).

2.5. PRAÇA LEOPOLDO CZECHOSKI – ESPIGÃO ALTO DO IGUAÇU/PR

A praça pública do município em estudo está localizada juntamente com o museu e a biblioteca pública, que não estão em análise. Sua localização é no bairro Centro, entre as Ruas Estados Unidos, Belo Horizonte, Uruguai e Travessa São Paulo, na quadra 21 e 22, totalizando uma área de 2.831,47m², inserido no espaço urbano com grande potencialidade. A seguir a figura 13 em destaque, representa a implantação atual da praça. A praça não recebeu mais infraestrutura adequada e manutenção para poder receber o povo e ser um local de lazer, sendo assim um local inapropriado para caminhadas noturnas e outras atividades, pois é também um frequente ponto para usuários de drogas.

. No local de estudo, há grama, algumas arborizações, e poucos postes de iluminação, equipamentos urbanos, como bancos, lixeiras, entre outros. (BALVERDU, 2015). Sendo assim, está apta a receber um bom estudo e um novo projeto para poder atender toda a necessidade da população.

3. METODOLOGIA

Este trabalho terá como base a revisão bibliográfica. Para Lakatos e Marconi (1987) a revisão bibliográfica pode ser definida como levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornal, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

Conforme Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.1. ESTUDO DE CASO

A prefeitura levou em consideração a necessidade de uma construção de uma nova praça e teve um novo projeto feito que em breve será finalizado a proposta de intervenção onde serão implantados novos usos e atividades, proporcionando dentro das características locais, um novo uso e uma nova imagem à praça: um local de convívio social, buscando atrair um público maior e diversificado, voltando a ter seu papel na cidade e sua devida valorização que atualmente está dando lugar a degradação e o abandono. O projeto consiste em uma intervenção na Praça Leopoldo Czechoski, local atrelado ao lazer da população. O objetivo principal é trazer novas atividades, mantendo a história e características do local, acrescentando toques de linguagem Moderna.

Figura 3. Vista da Praça para Trav. São Paulo



Fonte: Balverdu, 2015

A intervenção propõe a criação de espaços mais humanizados, áreas pra práticas esportivas, convívio dos usuários, espaços destinados a feiras e/ou outros eventos, espaços com sombras e mobiliários, áreas verdes que acolham e incentivem a permanência no local, favorecendo descanso aos frequentadores da praça.

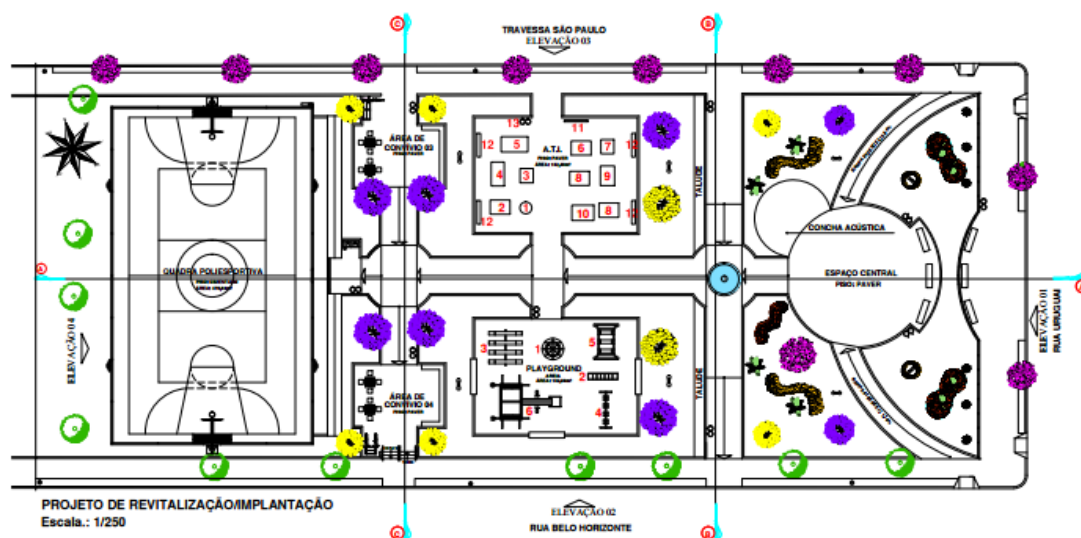
Figura 4. Vista da Praça Leopoldo Czechoski/PR



Fonte: Balverdu, 2015

O projeto respeitará a legislação e os princípios urbanísticos do local, elaborando um projeto de intervenção mantendo as características originais, adaptando-se à topografia do local.

Figura 5. Planta da Praça Leopoldo Czechoski/PR



Fonte: Balverdu, 2015

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu debater como é importante para a população um local onde a população possa sair da rotina mesmo que as praças urbanas estejam restritas dentro da cidade. Estudos já dizem que para uma boa saúde física e mental as pessoas precisam se exercitar e ter horas de lazer e descontração fora da rotina de casa e trabalho.

Com o estudo de caso da praça Leopoldo Czechoski, podemos entender como uma área mal preservada não trás benefícios, mais com a revitalização as pessoas poderão passar a frequentar-la e ter novas atividades, a nova ambientação e iluminação noturna para que os visitantes fiquem mais tranquilos e seguros. As cidades passam por várias transformações ao longo dos anos, por isso a importância de estudos e projetos que favorecem aos cidadãos.

6. REFERÊNCIAS

COSTA, Silva Kimo. PERCEPÇÃO AMBIENTAL E REVITALIZAÇÃO: as praças do bairro Salobrinho, Ilhéus, Bahia. ILHÉUS, BAHIA 2008.

YOKOO, Sandra Carbonera. O PAPEL DAS PRAÇAS PÚBLICAS: ESTUDO DE CASO DA PRAÇA RAPOSO TAVARES NA CIDADE DE MARINGÁ.

JUSBRASIL. **Site**. Disponível em: <http://lts.jusbrasil.com.br/artigos/180721600/a-importancia-da-manutencao-das-areas-verdes-das-pracas-na-cidade-de-sao-paulo/> Acesso em: 10/11/16.

SHAMS, Juliana Cristina Augusto. EMPREGO DA ARBORIZAÇÃO NA MELHORIA DO CONFORTO TÉRMICO NOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS. PIRACICABA, 2009.

RAEGA. **Site**. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/30747/> Acesso em: 11/11/16.

INFOESCOLA. **Site**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/meio-ambiente/areas-verdes-urbanas/> Acesso em: 11/11/16.



VIERO, Verônica Crestani. PRAÇAS PÚBLICAS: ORIGEM, CONCEITOS E FUNÇÕES. SANTA MARIA-RS, 2009.

EBERHART, Isabel De Oliveira. A IMPORTÂNCIA DAS PRAÇAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL: UM ESTUDO SOBRE A PRAÇA DO SILÊNCIO DO BAIRRO MODELO DE IJUÍ-RS. SANTA ROSA, 2014.

SILVA, Clécio Danilo Dias. AS PRAÇAS PÚBLICAS: SIGNIFICADOS, FUNÇÕES E DISTRIBUIÇÕES NO MUNICÍPIO DE NATAL-RN. RIO GRANDE DO NORTE, 2015.

BALVERDU, Leticia. REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA LEOPOLDO CZECHOSKI EM ESPIGÃO ALTO DO IGUAÇU-PR, 2015.